



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**REVISTA PROJEÇÃO:**  
**JORNALISMO COMUNITÁRIO DA CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS**

Projeto Experimental submetido à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**GABRIELA DA COSTA SILVA**  
**GLAUCIA DA SILVA MONTES**

**Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro**

Rio de Janeiro  
2007

## FICHA CATALOGRÁFICA

DA SILVA, Gabriela Costa e MONTES, Glaucia da Silva.

Revista Projeção: Jornalismo Comunitário da Central Única das Favelas. Rio de Janeiro, 2007.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Paulo Cesar Castro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Revista Projeção: Jornalismo Comunitário da Central Única das Favelas**, elaborada por Gabriela da Costa Silva e Gláucia da Silva Montes.

Projeto Experimental examinado:  
Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Castro  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Produção Editorial – UFRJ

Banca: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho  
Doutor em Teoria da Comunicação e da Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Jornalismo – UFRJ

Banca: Prof. Ms. Augusto Henrique Gazir Martins Soares  
Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Londres  
Departamento de Jornalismo – UFRJ

Rio de Janeiro  
2008

SILVA, Gabriela da Costa e MONTES, Glauca da Silva. Revista Projeção: Jornalismo Comunitário na Central Única das Favelas. Orientador: Paulo César Castro. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2008. Monografia em Jornalismo.

### **RESUMO**

O presente trabalho propõe a criação da Revista Projeção, como projeto de jornalismo comunitário da Central Única das Favelas (Cufa), com base essencialmente na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Com base teórica no entendimento do papel de mediação do agente externo e na função social do jornalismo, justifica-se a criação da revista como espaço de divulgação cultural da Cufa narrado pelos próprios potenciais e talentos da comunidade. Inspirado na história de resgate social desenvolvido pela entidade, a primeira edição tem como repórteres personagens encontrados na comunidade que contam a história de suas produções na comunidade. O objetivo da revista é elevar a auto-estima da comunidade, através da promoção da cultura mostrando a viabilidade na produção do veículo desenvolvido pela entidade.

*Agradecemos...*

*A Deus, sem o qual nada disso seria possível. Obrigada pelo dom da vida, por renovar nossas forças quando tudo parecia impossível.*

*Aos nossos pais, senhores Naércio e Luci e Levi e Erleida, pelos meses ajeitando toda a bagunça deixada como nossos rastros, pelo incentivo e compreensão na vida que deixamos de lado.*

*Aos nossos familiares e amigos pedimos desculpas pelos passeios negados. Saibam que doía muito mais em nós.*

*A Andrés, talentoso e jovem designer. Acreditamos no seu trabalho. Valeu pelas horas sem dormir trocando os elementos gráficos que a Gabriela teimava em implicar.*

*A Jones Vieira pelo carinho, paciência e atenção sempre que solicitado – e foram tantas vezes! A Rafael Barcellos, nada teria a mesma graça se não fosse pela sua descontração nos momentos em que pensávamos que não daria mais. E, também, à Flávia Midori.*

*À Jú Freitas, nossa fotógrafa maravilhosa, à Bia Ferreira, mais que amiga e parceira na execução do projeto, a Júlio Pecky e a Paulo Silva, pela dedicação e prontidão com que nos receberam, à Rosilaine Bragança e à Marise Adão pela importância e atenção dispensadas a nós. Sem vocês esse projeto não teria sentido.*

*A Nosso orientador Professor Paulo César Castro. Você merece um capítulo a parte. Quantas broncas, hein! Finalmente aconteceu. Obrigada pelos conselhos meio a vida caótica de um professor, coordenador de curso, orientador e nas horas vagas, pai.*

*À Raquel Paiva, grande mestre. Sua paciência com universitárias desesperadas e a capacidade incrível de nos motivar fez toda a diferença. Admiramos muito você.*

*A Augusto Gazir, além de nosso professor e consultor, o fizemos vítima de nossa banca. Obrigada pelas sugestões e sempre disposição para ajudar.*

*A Ricardo Sibanto e a Robson Rocha, nossos compreensivos chefes. Obrigada por entenderem nossa formação e desespero acadêmico!*

*Formamos uma dupla. Talvez fizemos mais. Acredito que elaboramos um tratado sobre a amizade. Horas boas, de descontração. Horas tensas, de estresse. Todas guardam respeito pelas nossas diferenças. Construímos com base na confiança e afeto, uma relação que de certo o futuro nos reserva de grandes momentos. Essa foi apenas uma etapa!*

*“Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez”.*  
*(Jean Cocteau, artista francês)*

# SUMÁRIO

## RESUMO

### 1. INTRODUÇÃO

### 2. O QUE É A Cufa?

#### 2.1 Núcleos Sociais da Cufa no Rio de Janeiro

##### 2.1.1 Cidade de Deus

##### 2.1.2 Complexo do Alemão (Pedra do Sapo)

##### 2.1.3 Viaduto de Madureira

##### 2.1.4 Manguinhos

#### 2.2 A Cufa e os meios de Comunicação

### 3. A COMUNIDADE NARRA A SUA HISTÓRIA

#### 3.1 Sobre o conceito de comunidade

#### 3.2 Jornalismo como alternativa social

### 4. CUFA EM REVISTA: O MEIO JUSTIFICA O FIM

#### 4.1 Um fazer jornalismo

#### 4.2 O que é a Revista Projeção

##### 4.2.1 Público-alvo

##### 4.2.2 Missão

##### 4.2.3 Objetivos

##### 4.2.4 Detalhamento Técnico

##### 4.2.5 Seções

##### 4.2.6 Projeto Gráfico

###### 4.2.6.1 Estética Vernacular

###### 4.2.6.2 As apropriações do vernacular no design gráfico

### 5. CONCLUSÃO

### 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## 1 INTRODUÇÃO

Uma alternativa de transformação social. Esta é a primeira função deste trabalho. A revista *Projeção* foi inspirada no trabalho desenvolvido pela Central Única das Favelas (Cufa). Foi por meio do curso de audiovisual, promovido pela entidade em parceria com a UFRJ, que uma realidade se descortinou sobre os olhos. Percebemos um lugar de muitas iniciativas, talentos, e potencialidades. Indivíduos produtores de conteúdo. Um pólo de produção cultural de fato. Lugar onde os dias começam sempre agitados. Enquanto uns ensaiam peças, outros discutem argumentos e do outro lado, crianças ensaiam manobras de *skate*. Multiplica-se o número de intervenções na realidade marcada pela vida difícil e exclusão social por intermédio da arte. Eles produzem vídeos, músicas, peças, têm um *site*, um blog, entre outras coisas.

Entretanto, tem-se a percepção de que existe uma lacuna quanto à produção de impressos. Seria a falta de conteúdo? Nem de longe. Em algumas semanas de convívio, chega-se à conclusão de que existem pessoas que gostariam participar de um projeto assim, pessoas que gostariam de escrever. Por outro lado, não em menor número, encontra-se uma gama de produções aguardando espaço para serem expostas, quer nos viadutos, nas praças, nas quadras esportivas, a intenção é mobilizar a comunidade. Assim surge a idéia de agregar ao cenário fértil já desenvolvido pela Cufa, mais uma forma de expressão e de divulgação do que já vem sendo produzido.

Pretende-se, sobretudo, divulgar todo o potencial cultural das periferias, dentro e fora delas. Além disso, a revista visa abrir espaço para o desenvolvimento de habilidades e competências dos indivíduos que vivem nas comunidades em que a Cufa atua.

*Projeção* surge ancorada no conceito de jornalismo comunitário, no entendimento do papel de mediação do agente externo e da função social do jornalismo, e, se justifica como espaço de divulgação cultural da Cufa narrado pelos próprios moradores das comunidades. Trata-se de uma ação comunitária na favela, realizado por seus moradores e para todos que de alguma forma acreditam no seu potencial artístico.

Utilizamos a pesquisa elaborada pela professora doutora Raquel Paiva sobre Comunicação Comunitária e ainda procuramos esclarecer a função de agente externo do jornalismo nesse contexto. Ainda em termos de pesquisa, pontuamos o que significa a produção de revista e pautado nesse contexto, desenvolvemos o projeto editorial e gráfico da revista com base principalmente nas vivências com a comunidade Cidade de Deus.



Outra preocupação na elaboração desse projeto era a própria produção de conteúdo. Este relatório apenas descreve quais foram as nossas bases teóricas. Mas é na revista impressa que vemos a expressão dos conceitos elaborados ao longo deste período. Alternativa em formato, design e texto, mas muito mais do que isso. Sem a participação da comunidade e de pessoas ligadas a ela para nossos repórteres, esse projeto não poderia ter sido feito. Contamos ainda com a ajuda de um designer-aluno, na instrumentalização do design da revista.

## 2 QUEM É A Cufa?

O cenário: jovens reunidos nas favelas cariocas. O objetivo: buscar espaços para expressão das atitudes e questionamentos do movimento Hip Hop. Foi assim, que em 1998, surgiu a Central Única das Favelas (Cufa). Em 10 anos de trabalho, a entidade se transformou em uma organização legitimamente brasileira que trabalha por um ideal: “transformar as favelas, seus talentos e potenciais diante de uma sociedade onde os preconceitos de cor, de classe social e de origem ainda não foram superados”, conforme descreve o próprio institucional da Cufa.

Com o objetivo de atingir e ampliar outras formas de expressão, a entidade promove através de uma linguagem própria, a conscientização das camadas menos privilegiadas. O objetivo da Cufa é desenvolver nas comunidades projetos das mais variadas vertentes, no intuito de não só valorizá-las, mas cada indivíduo que nela esteja. Para tanto, funciona como um pólo de produção cultural, que forma, e informa, jovens das periferias, oferecendo perspectivas de inclusão social, através de parcerias, apoios e patrocínios.

É impossível separar a Cufa das idéias do movimento Hip Hop. Em discurso durante uma das mesas-redondas promovidas pela instituição, o coordenador da Companhia de Teatro da Cufa, Anderson Quak, assevera o mesmo ideal: “estimular as ações de protagonismo dos moradores de comunidade e transformá-los em agentes de sua própria história. Dominar o discurso faz parte do projeto de colocar as coisas nos seus devidos lugares. A Cufa tem o papel de organizar, incentivar e legitimar o discurso dessas comunidades, assim como o Hip Hop.”

MV Bill, Nega Gizza e Celso Athayde são os fundadores e personificam a entidade. O rapper MV Bill, por exemplo, já recebeu inúmeros prêmios por sua ativa participação no movimento Hip Hop e Nega Gizza, é além de uma forte referência feminina no mundo do Rap, conhecida e respeitada por sua dedicação às causas sociais. Nascido na Baixada Fluminense, Celso Athayde, cresceu na favela do Sapo, em Senador Camará. Tornando-se produtor de Hip Hop do Brasil, através do projeto Hutúz, ele atua na criação de festivais de cinema, Hip Hop, batalhas de Mc's, Dj's, B.Boy's, seminários, entre outras modalidades de cultura, sem falar na agenda dos principais artistas do gênero no Brasil.

Promovendo atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania, a Cufa trabalha com os seguintes elementos: graffiti (movimento organizado nas artes plásticas em que o artista aproveita espaços públicos, criando uma nova identidade visual em territórios urbanos); DJ (artista que alia a técnica à performance, utilizando pick-ups e discos de vinil);

break (estilo de dança de rua originário do movimento Hip Hop); rap ('ritmo e poesia', estilo musical culturalmente herdado das populações latinas e negras e cujas letras retratam o cotidiano das periferias); audiovisual (valorização da imagem como instrumento de mobilização social); basquete de rua (esporte embalado pelo rap); literatura (onde os jovens expressam sua arte e suas vivências através da escrita e obtêm conhecimentos relativos às obras ou aos escritores literários) e projetos sociais (conjunto de ações que visa a uma transformação social a partir das comunidades).

## **2.1 Núcleos Sociais da Cufa no Rio de Janeiro**

A Cufa desenvolve seriamente atividades educativas e culturais nas comunidades brasileiras em parceria com organizações governamentais e não-governamentais. Só no Rio de Janeiro, ela conta com 65 projetos ligados ao esporte, música, informática, audiovisual, leitura, artesanato e afins, teatro, capacitação profissional, projetos pedagógicos além de eventos de cinema e programas de rádio.

Toda essa estrutura é desenvolvida nos núcleos sociais da Central. Esse trabalho transformou a Cufa em referência para as favelas e possui bases de trabalho em muitos dos Estados brasileiros, tais como Minas Gerais, São Paulo, Ceará, Distrito Federal, Mato Grosso, Bahia, dentre outros. No Rio de Janeiro os núcleos sociais estão situados na Cidade de Deus, Pedra do Sapo (Complexo do Alemão), Viaduto de Madureira e Maguinhos, espaços onde os marginalizados têm vez.

### **2.1.1 Cidade de Deus**

A Cidade de Deus, situada na zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, começou a ser construída e ocupada nos anos 60. Em pouco tempo, o bairro sofreu um grande crescimento populacional, possuindo hoje mais de 120 mil moradores, que ocupam cerca de 233.641 m<sup>2</sup>. Além de conviverem sem saneamento básico, infra-estrutura e com a violência, umas das principais reclamações da população é a falta de opções culturais.

Na Cidade de Deus, a Cufa conta com cursos de audiovisual, teatro, informática, graffiti, break, basquete e DJ, além de uma biblioteca e um telecentro com acesso gratuito à Internet. As atividades culturais são desenvolvidas no espaço cultural Cidade de Deus, restaurado pela entidade em parceria com o jogador de futebol Ronaldinho Fenômeno e a Secretaria Municipal das Culturas.

### 2.1.2 Complexo do Alemão - Pedra do Sapo

Morro do Alemão, Grotta, Nova Brasília, Alvorada, Alto Florestal, Itararé, Morro da Baiana, Morro do Mineiro, Joaquim de Queiroz, Vila Cruzeiro, Fazenda das Palmeiras, Morro do Adeus e também Morro da Esperança ou Pedra do Sapo, são as doze comunidades que compõem o Complexo do Alemão.

Localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro entre os bairros de Ramos, Olaria, Inhaúma e Bonsucesso, o Complexo é considerado uma das maiores e mais populosas favelas do Rio, com estimativa de 300 mil habitantes, distribuídos em cerca de 100 mil barracos e casas. Estudos mostram que há um grande índice de analfabetismo e desemprego na região.

Nesse contexto, a Cufa atende diretamente cerca de 500 pessoas e indiretamente a cerca de 250 famílias, através de cursos de audiovisual, informática, graffiti, break, DJ e basquete. Na comunidade de Pedra do Sapo, a entidade conta ainda com auditório, telecentro e biblioteca.

### 2.1.3 Viaduto de Madureira

Madureira é um bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A população é basicamente da classe média e classe média baixa, inclusive com algumas favelas. Os destaques do bairro ficam por conta de uma imensa amplitude de linhas de ônibus que levam a diversos lugares da cidade do Rio de Janeiro e, principalmente, sua variedade de estabelecimentos comerciais, sendo um dos maiores pólos comerciais e econômicos da cidade e o maior do subúrbio.

O bairro é famoso por ser o berço da escola de samba Portela, a mais tradicional escola de samba carioca e a maior vencedora, esbanjando 21 campeonatos. O bairro faz divisa com Cascadura, Cavalcanti, Vaz Lobo, Engenheiro Leal, Turiaçu, Campinho e Oswaldo Cruz (Rio de Janeiro), e tem cerca de 50 mil habitantes(embora sua população flutuante seja muito maior que isso). Debaxo do Viaduto de Madureira a Cufa desenvolve as oficinas de basquete, turismo, produção cultural, audiovisual, moda e modelo.

#### 2.1.4 Manguinhos

Localizado na Zona Norte da cidade, entre o lado esquerdo da Avenida Brasil, sentido Santa Cruz, e a Rua Leopoldo Bulhões, Manguinhos é um bairro que se destaca por sediar a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), instituição de referência nacional em microbiologia, parasitologia e saúde pública. O prédio histórico da instituição, um palácio em estilo mourisco, é o símbolo mais conhecido do bairro.

Atualmente apenas a localidade junto à Estação Ferroviária de Manguinhos atende pelo nome de Manguinhos, sendo as demais áreas do bairro conhecidas por nomes das favelas que o caracterizam: Coréia, Mandela e Amorim. Desde a década de 1980, a área vem sofrendo com o esvaziamento econômico, uma vez que as poucas indústrias que existiam em seu entorno foram extintas ou se transferiram para outras localidades. A Refinaria de Manguinhos ainda é a principal instalação industrial da região.

Sendo praticamente tomado por favelas, o bairro é palco de inúmeros confrontos armados entre policiais e traficantes ou entre quadrilhas de traficantes rivais. A avenida Leopoldo Bulhões, uma das principais do bairro, que tangencia a linha do trem (Ramal Central – Gramacho), é conhecida como ‘Faixa de Gaza’, em referência à região conflituosa do Oriente Médio.

Em Manguinhos, a Cufa tem a sua base mais recente, inaugurada no Dia da Favela, comemorado em 04 de novembro. Em parceria com o Ministério do Turismo, as primeiras oficinas na localidade serão de gastronomia; moda e modelo; audiovisual; teatro; e produção cultural. Com a Oi Futuro, a Cufa realizará as oficinas de Basquete de Rua e Skate.

## 2.2 A Cufa e os meios de comunicação

As práticas culturais desenvolvidas nas periferias, principalmente pelos novos movimentos urbanos e entidades sociais, constituem os elementos de um processo de midiatização. O relacionamento entre a periferia e a mídia gera visibilidade que determinam consigo uma nova imagem de favela, pobreza, engenhosidade, criatividade, alegria e de cotidiano.

Se antes, a presença da favela na mídia, sobretudo no cinema e nos noticiários, era marcada quase que exclusivamente pela temática da violência, hoje essa participação se realiza também por outras estratégias discursivas como esclarece Guaciara Barbosa de Freitas, no projeto Periferia Midiatizada – Midiatização da Periferia:

Os movimentos sociais terem gerado redes, que favoreceram a circulação de ações e produtos culturais de certo modo independentes do sistema de difusão da grande mídia; e em segundo lugar na forma como os moradores da periferia passaram a dispor de uma base tecnológica atualmente necessária à implementação de comunicação midiática e ao desenvolvimento de produtos culturais (...). Certamente ambos os aspectos não estão dissociados de condições econômicas, de questões mercadológicas, que dizem respeito tanto ao modo como os moradores da periferia produzem, fazem circular e consomem os bens culturais gerados nas periferias. (FREITAS. 2008: 3)

Na Central Única das Favelas, essa relação existe e resiste. O discurso não é da pobreza que reforça a cada dia a falta de recursos como único causador da falta de produção cultural. É na política do 'Nosso Jeito', que os produtores culturais favelados criam e recriam suas obras. Nesse contexto, o processo de midiaticização dá-se quase que naturalmente. O movimento Cufa conta com o apoio de um dos maiores conglomerados de mídia do Brasil, a Rede Globo que garante a divulgação do trabalho da Central como foi visto com a exibição do documentário *Falcão: Meninos do tráfico*, no programa de maior audiência do horário nobre de domingo, o Fantástico.

A entidade ganha mais credibilidade com a parceria com instituições de respeito como a Petrobrás que investe nos eventos e patrocina o audiovisual. Outro fator relevante para o espaço na mídia da entidade é a história dos seus fundadores. MV Bil, Nega Gizza e Celso Athaíde, são antigos conhecidos da mídia por suas relações intensas com os movimentos sociais além de suas vocações artísticas.

Em cima do morro, além do funk, do tráfico e da pobreza, e com a ausência do Estado, as comunidades foram tomadas pelos cursos de dramatização, de cinema, de rádio e locução, de pedagogia, de cultura etc. A realidade é de contrastes. Moradores, que não contam com o saneamento básico, por exemplo, têm dentro de casa um computador com recursos para gravar, plugar, editar os sons e/ ou as imagens que lhes interessam. Nesse ambiente o favelado se apropria do discurso e tem a possibilidade de agir midiaticamente, alcançando outros favelados alienados a própria realidade de exclusão.

Aos olhos da sociedade institucionalizada, a favela ganha status de comunidade e visibilidade. O destaque deixa de ser as chacinas e os tiroteios, para divulgação da produção cultural desenvolvida aquém dos meios institucionalizados. Como explicar como em um mesmo ambiente, pode gerar um produtor de cinema e um traficante? Por que uns sim e outros não? Difícil saber, mas entende-se que o conceito de produto alternativo, de valorar o jovem morador da favela faz da Cufa uma pauta atraente em qualquer meio, inclusive impresso.

### 3 A COMUNIDADE NARRA A SUA HISTÓRIA

O grande diferencial deste projeto de revista é o viés de jornalismo comunitário utilizado para desenvolver o conteúdo da revista. Tomando-se por base a relação veículo versus leitor, tem o conceito de se tratar de uma troca de idéias com as pessoas. Desse modo deve ser encarada a revista *Projeção*.

Um modo de se identificar com a comunidade, buscando interação constante com ela, é valorizar a cultura e os costumes locais. É pautado nesse princípio que este projeto atua. O principal objetivo é divulgar sob o olhar do morador da comunidade a produção desenvolvida por ele ou por seus pares na periferia. Antes de divagar sobre a produção do seu conteúdo, passemos a discussão sobre o conceito de comunidade.

#### 3.1 Sobre o conceito de comunidade

Conforme relata Raquel Paiva, no segundo capítulo da obra *O Espírito Comum*, é “Ferdinand Tönnies quem procede, a uma conceituação mais completa e rigorosa do termo, estruturando-o como antitético a sociedade”. Na obra *Comunidade e Sociedade* (1887), “ele avalia que é por meio do conhecimento íntimo entre os membros duma comunidade, bem como afeição recíproca, que derivam a participação de cada um na vida dos outros”. Segundo descreve:

A linguagem seria a grande responsável pela expressão do afeto, dos costumes e da fé comum. Essa comunidade lingüística põe em discussão a integração regular e freqüente através da combinação sígnica aceita pelo grupamento de indivíduos, ou seja, a idéia do consenso que se espraia do nível da linguagem em direção à estrutura econômica e jurídica. (PAIVA: 2003. XX)

Ainda nesse ínterim há espaço para a discussão entre território e relação que remete a três abordagens do conceito de comunidade conforme adverte no trecho a seguir.

É imperioso considerar a vasta possibilidade de significados e definições do conceito. Quando se fala de comunidade pode-se distinguir duas noções básicas: a primeira referente à psicologia, que descende diretamente do pensamento romântico; a segunda, à espacialidade, ligada à preocupação ecológica. O conceito assume configurações bastante diferentes quando se prioriza uma ou outra. A noção psicológica considera comunidade como sendo a qualidade de relação entre indivíduos, que se caracteriza pela presença de sentimentos de solidariedade, identificação, união, altruísmo e integração; para a ecologia, comunidade é simplesmente um conjunto, um grupo, um sistema de indivíduos, num lugar determinado, ou seja, a comunidade é um grupo com seu território. A estas duas noções pode-se somar uma terceira perspectiva, com enfoque sociológico, que tende a avaliar a comunidade como o menor grupo social e o

primeiro nível de organização social completo e auto-suficiente. (PAIVA. 2003: 71-72)

Entende-se mais claramente que o conceito de comunidade está diretamente relacionado a grupos de pessoas, em se tratando de espaço, às pequenas e específicas localidades, conforme proposto principalmente por sociólogos americanos, a partir da década de 50. Tem-se na comunidade um grupo de pessoas definidas por um território que compartilham as mesmas dificuldades e usufruem da mesma condição de direitos. Conforme explica Raquel Paiva, “se na sociedade o que prevalece é a vontade individual, com seus membros fortemente individualizados, na comunidade, ainda de acordo com Tönnies, é a vontade comum e o interesse coletivo que predominam”. (idem: 75)

É na comunidade que o indivíduo se afirma. A convivência gera o pertencimento ao outro e a necessidade deste para existir-se. Sob os valores da moral cristã de comunhão e cooperação, os indivíduos interagem, agregam e se legitimam quando pela comunidade cobram soluções para problemas da comunidade. Um bairro, por exemplo, através de sua Associação de Moradores cobra das autoridades competentes, melhoria nas condições de vida da população local. Seja o asfalto em uma rua, sinalização em outra por conta de uma escola, ou ainda a solicitação de uma lona cultural, em qualquer esfera, a comunidade daquele bairro está agindo em prol do bem comum.

O conjunto de ações que norteadas pelo propósito comum são passíveis de serem executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos dá-se o nome de Comunidade Gerativa. A ênfase desse conceito está na interferência clara dessas ações no cotidiano e na localidade. Implementar essas ações implica na atuação específica dos meios de comunicação.

### **3.2 Jornalismo como alternativa social**

Onde o Estado é ausente, a comunicação emerge como alternativa promissora no desenvolvimento da ordem social em meio ao caos. Ordem social, no sentido de promoção de bem-estar social e produção de conhecimento através da informação. Esse conhecimento interfere e ultrapassa o factual. O objetivo não é fazer notícia no sentido mais clássico da palavra, ou seja, relatar os fatos e divulgar as versões sobre ele, mas mostrar potenciais, talentos da comunidade e fazê-los se inserir no contexto midiático.

Trata-se de uma oportunidade de expressão. A comunidade pauta e é personagem principal da matéria. O jornalismo é apenas um facilitador, capaz de mediar e produzir resultados. Fala-se, sobretudo, de um jornalismo de resultados práticos e imediatos.



Como características próprias dos veículos de comunitários a necessidade de promover uma comunicação horizontal, ou seja, o diálogo entre as pessoas, tornando exequível a participação e a cooperação. Um veículo comunitário, exatamente por estar inserido na perspectiva da defesa e promoção de uma democracia social, participativa, e não apenas representativa, possui definidos os preceitos que norteiam um desenvolvimento harmônico, onde interajam com forças iguais o econômico, o ecológico e a equidade social. Esta perspectiva certamente irá definir a atuação de um veículo, desde sua gestão até sua programação, passando pela própria seleção temática, já que a população deve ser informada de suas obrigações e seus direitos, estando ciente e capacitada para refletir sobre problemas que a cercam, bem como suas múltiplas possibilidades de solução. (PAIVA. 2)

É na responsabilidade de promover a comunicação horizontal, ou seja, entre os pares, a cooperação, a defesa e promoção de democracia social participativa e a interação da comunidade que esse tipo de jornalismo se desenvolve. Além de informá-la de obrigações e direitos, essa comunicação funciona como meio de institucionalizar a capacidade consciente de refletir sobre problemas que a cercam bem como suas múltiplas possibilidades de solução. Há de se destacar o papel do jornalista da produção desse conteúdo. Ora, se muitas vezes quem assume o papel de narrador é a própria comunidade, qual é a sua função no processo de comunicação comunitária? Esta é de ser um mediador, ou melhor, cooperador, conforme explica Luis Gonzaga Motta em *Planificación de la comunicación em proyectos participativos*.

Nesse encontro de cooperação entre comunidade e jornalista que surge o projeto participativo, ou co-participativo. “La reunión de todos em torno a un fin común los lleva a actuar cooperativamente. (...) los grupos populares quieren resolver sus problemas concretos y casi siempre necesitan de lá ayuda externa”. (MOTTA: 1968. 145). No caso da revista *Projeção*, a iniciativa é externa a comunidade. Para tanto, é preciso provocar a participação, como poderá ser avaliado na produção de conteúdo da revista. O suporte técnico é prestado pelo agente externo, mas o mérito do discurso é absolutamente da comunidade.

Essas são as peculiaridades do meio voltado para comunidades específicas. O comunitário através da observação sociológica entende a fundo a formação histórica e social da população a qual se dirige e por esse conhecimento contribui para valorização da cultura local, reconhecendo o papel dinâmico e fundamental dela na comunidade.

## 4 REVISTA PROJEÇÃO: O MEIO JUSTIFICA O FIM

Diz-se que a matéria prima do jornalismo, a notícia, é o fato em si. Datado com precisão cirúrgica, ela representa o real, porque tem a função de narrá-lo mediante as várias versões do fato. Com a Internet, o factual deixou de ser impresso para ser virtual. Já não faz mais parte da preocupação das pautas em jornais divulgar a notícia em primeira mão. Esse trabalho passou a ser bem melhor desenvolvido nos telejornais e na grande *World Wide Web*.

Diante desse cenário, as publicações também tiveram de evoluir. O jornal percebeu que em suas páginas, o factual deveria estar sob um novo olhar, esmiuçado. Já as revistas, entenderam que seu papel não era apenas divulgar um resumo da semana e entreter, era preciso mais. Desenvolver uma nova interpretação do fato provocando em seus leitores reflexão. Esse passou a ser o viés na produção da pauta para revista. Mas o que é fazer revista?

### 4.1 Um fazer jornalismo

As virtudes jornalísticas, independentemente do tipo de veículo, são as mesmas: independência, veracidade, objetividade, honestidade, imparcialidade, exatidão, credibilidade. A diferenciação se dá porque o jornalismo atua através de um meio, de um veículo. Estes são diferentes, e por isso, atingem o público de formas diferenciadas. Se a recepção muda, também existem peculiaridades na produção e emissão dos conteúdos: isso inclui a pauta, linguagem, projeto gráfico, inclui todo o processo de circulação da informação até chegar ao destinatário, embora os critérios de apuração jornalística permaneçam os mesmos.

Revista é um veículo de intimidade e seduz o leitor. Uma vez identificado ao veículo, o leitor fará dela um objeto de uso e consumo fidelizado. As virtudes jornalísticas, independentemente do tipo de veículo, são as mesmas: independência, veracidade, objetividade, honestidade, imparcialidade, exatidão, credibilidade. Então por que diferenciar?

Alexandre Goulart destaca que apesar da revista possuir a má fama por necessitar de pouco esforço jornalístico as revistas ganharam o mercado imediatista pós-moderno. São milhares de títulos para todos os públicos, gostos. A revista está inserida no mercado atual porque o mercado segmenta a cada dia o perfil do público. Encarada como um bom negócio, as revistas passaram a ter um status elitista.

Algumas características do veículo estão descritas por Goulart, em seu artigo *Uma lupa sobre o jornalismo de revista*:

A variedade – muitos assuntos para fisgar o leitor e passar a sensação de janela do mundo; a especialização – centrada num determinado universo de expectativas, visto que conhece seu leitor; visão de mercado – por conhecer seu público, apresenta um produto de olho nos nichos de mercado; texto – o público é curioso, escolhe a revista, logo, se importa com o texto; imagem – o leitor é seduzido com apelo visual, com o bom fotojornalismo. Texto e imagem, traduzidos em matéria bem escrita e apresentação visual eficiente são as bases da revista. (GOULART: 2006. Observatório da Imprensa).

Costuma-se dizer que a revista é mais profunda que o jornal e menos profunda que o livro, porque conhece seu leitor. Marília Scalzo, autora do livro *Jornalismo de Revista* (2003) diz que a relação revista x leitor é apaixonal. Por isso, as pessoas têm um tipo de revista para a sala, outra para o banheiro, para o quarto; guardam-na de um determinado jeito, carregam-na, recortam-na, etc. Essa relação envolve confiança, expectativas, acertos, pedido de desculpas, gerando uma identificação entre o leitor e a revista, o que identifica, por exemplo, um grupo. O grupo dos que lêem *Playboy*, das que lêem *Capricho*, *Caras*, *Caros Amigos* etc. O leitor dá o significado para a Revista, é ele quem diz o que é a revista (SCALZO: 2003).

A revista e o jornal ajudam a interpretar o acontecimento ou, no caso da revista, ela parte do fato em si para tratar o ‘assunto’ com maior profundidade. Como diz Garcia Márquez, “a melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor” (GOULART: 2006). A revista permite um jornalismo mais analítico, interpretativo, investigativo porque tem o tempo como um aliado. Por falar para um público de determinada época esse veículo, sofre mais que os jornais, porque podem ser atropeladas pela mudança dos costumes.

Em revista, a notícia é o foco é no leitor. Escrever sobre aquilo que o leitor deseja é a pauta, apenas a pauta. O caráter jornalístico está na busca da verdade, do esclarecimento, ajudando o leitor a compreender a realidade em que vive, a ser consciente. Assim são as bases da revista *Projeção*. Com distribuição gratuita para a comunidade, o projeto atende as proposições do veículo e atende as demandas da comunidade.

#### **4.2 O que é a Revista Projeção?**

A Cufa tem por objetivo atingir e ampliar formas de expressão. Assim a entidade promove, através de uma linguagem própria, a conscientização das camadas menos privilegiadas. Para tanto, desenvolve nas comunidades projetos das mais variadas vertentes, no intuito de valorizar não só as comunidades, mas cada indivíduo que nela esteja.

Nesse sentido, a revista *Projeção* vai ao encontro das iniciativas da entidade e visa a ser um espaço de divulgação das produções das comunidades, dando-lhes visibilidade,

aumentando a auto-estima, além de representar a conquista de mais um meio para o desenvolvimento de formas de expressão.

#### 4.2.1 Público-alvo

Projeção destina-se principalmente ao público jovem, sendo ele de periferia ou não. Seja o jovem que vai ter sua auto-estima elevada através da produção cultural, seja o jovem simplesmente com interesse em cultura e cidadania em suas múltiplas manifestações, e que sabe que é capaz de fazer algo pra mudar a realidade em que vive, tem apreço pelo meio em que vive.

#### 4.2.2 Missão

Informar sobre a produção cultural desenvolvida nas comunidades onde a Cufa atua, dando visibilidade, desenvolvendo um processo de criação de valor para aqueles que ali vivem.

#### 4.2.3 Objetivos

Baseada nos pilares cooperação, interação e integração social, a revista Projeção visa a divulgar e fortalecer as favelas através de seus talentos e potenciais. O intuito é valorizar não só as comunidades, mas cada indivíduo nela inserido. O que se pretende com Projeção vai diretamente ao encontro de todos os outros projetos da instituição: “estimular as ações de protagonismo dos moradores de comunidade e transformá-los em agentes de sua própria história.”

#### 4.2.4 Detalhamento técnico

A revista terá 24 páginas 4/4.

Capa: couche matte 170 gm<sup>2</sup>

miolo: couche matte 115 gm<sup>2</sup>

Formato fechado: 24 cm x 30 cm

Formato aberto: 48 cm x 30 cm

Acabamento: grampo canoa

#### 4.2.5 Seções

**Editorial:** Assim como é verificado nas publicações do gênero, esta seção que consta da expressão do veículo e resumo do número. Linguagem direta com o leitor, o editorial funciona como um artigo explicativo das principais matérias que o interessado encontrará na revista. O texto deverá conter curiosidades na produção dos textos, os principais temas das seções, alguma informação sobre os repórteres voluntários com discurso todo em primeira pessoa e a utilização de gírias para aproximar ainda mais o leitor.

**Fala tu:** a voz da comunidade é essencial na *Projeção*. Assim, Fala tu é uma seção destinada a abrigar reclames, opiniões e solicitações variadas dos leitores da revista. Textos serão extraídos na íntegra ou em trechos segundo escolha da editoria. Nesta seção, o conselho da revista também poderá responder a dúvidas dos leitores ou a possibilidade de inserir sugestões dos mesmos.

**Junto e Misturado:** As atividades da Cufa não poderiam ser desenvolvidas sem as parcerias. Junto à Central existem patrocinadores, parceiros, projetos conjuntos e voluntários, sem os quais, provavelmente, a instituição não alcançaria seus objetivos. A pauta pode ser um evento, um fato ou uma atividade desenvolvida entre a entidade e os parceiros.

**Tiradas:** Ligadas à *Projeção*, nas comunidades ou não, existem muitas pessoas com idéias interessantes e originais. Em uma conversa informal, essas pessoas podem falar algo que pode ser usado para reflexão. Assim, essa seção dedica-se a abrigar falas, das mais comuns, às mais elaboradas de personalidades diversas encontradas na periferia.

**Reportagem de CAPA:** Matéria pautada em tema de relevância para a comunidade no bimestre. Espaço nobre da revista onde serão alocados os temas de destaque do período, ganhando assim, uma cobertura mais aprofundada, pois serão abordados sob os diferentes enfoques que comportam.

**Gente Nossa:** Espaço dedicado a divulgação do acervo de trabalhos fotográficos nas periferias do Rio, e, a maioria, não encontra lugar para exposição. Assim, Nossa Gente servirá a essas fotos, que serão apresentadas de acordo com temática específica, de preferência através de um olhar da comunidade.

**De cara:** esta seção abriga uma matéria sobre uma personalidade de alguma forma ligada à periferia. Seja pelo seu trabalho ou comportamento marcante no cotidiano do público-alvo e do meio que o cerca, destacaremos pessoas que a própria comunidade entende e afirma como foco.

Agenda: Espaço reservado ao calendário dos eventos do próximo bimestre. Data, hora, local e possível descrição que mereça destaque.

O que rola?: Trata-se da cobertura de um evento importante no período. Entrevistas, fotos, e as impressões de quem participaram do acontecimento e dos organizadores que mobilizaram a comunidade.

Em pauta: Uma pessoa das comunidades ou ligadas a Cufa terá voz para abordar uma temática. É uma seção com um aspecto jornalístico e que envolve o relacionamento direto entre o jornalista e o voluntário. Esse é orientado pelo jornalista a desenvolver uma pauta e escolhe os ângulos que nortearam o desenvolvimento da matéria.

Dando um rolé: Do Rio de Janeiro, a Cufa se expandiu para outras periferias do Brasil. E Brasil afora muita coisa acontece. Projeção não podia deixar de mostrar essas iniciativas.

Papo reto: Espaço dedicado a artigos e reflexões em geral de um morador da periferia ou membro da Cufa sobre tema de relevância sob a escolha do próprio escritor.

Entreletras: Existe nas comunidades hoje um imenso potencial literário. São contos que viram filmes, poesia, letras de música dos mais variados estilos e vertentes.

Na habilidade: Espaço dedicado à expressão de artes que sejam produzidas por alunos da Cufa: um graffiti, fotos de encenação, de filmes, enfim, produtos culturais que têm a cara das comunidades e espaço garantido na *Projeção*.

#### 4.2.6 Projeto Gráfico

##### 4.2.6.1 Estética Vernacular

O projeto da Revista *Projeção* está baseado na estética vernacular, termo que sugere a existência de linguagens visuais e idiomas locais, que remetam a diferentes culturas. Na comunicação gráfica esse termo, corresponde às soluções gráficas, publicações e sinalizações ligadas aos costumes locais produzidos fora do discurso oficial. O ‘design vernacular’, para Rafael Cardoso Denis, tem relação com “aquilo que é feito a margem do conhecimento erudito”. Não muito diferente é a definição de Ellen Lupton (1996), que abre um leque de sentidos:

O design vernacular não deve ser visto como algo “menor”, marginal ou anti-profissional, mas como um amplo território onde seus habitantes falam um tipo de dialeto local (...). Não existe uma única Forma vernacular, mas uma infinidade de linguagens visuais, (...) resultando em distintos grupos de idiomas (LUPTON: 1996. 111).



Um exemplo de linguagem gráfica vernacular dá-se através da descrição de João Juvêncio Filho, o Juca como é conhecido em Recife. Ele é autor de um estilo popular de letreiros pintados à mão livre (foto acima). Além de placas comerciais, Juca desenha mensagens de cunho religioso ou filosófico e aforismos típicos das traseiras de caminhões: “o mundo inteiro não vale o meu lar” e “o bolso de pobre não carrega dinheiro nem língua de mulher guarda segredos”. Seu trabalho tem como características as cores são puras e vibrantes. Seus letreiros possuem ainda molduras de vários tipos com ilustrações de olhos e figuras humanas. O desenhista combina estilos diferentes, suas letras lembram cartazes e manuais de estilo vitoriano, conforme define a designer e pesquisadora Priscila Farias:

É uma espécie de letra híbrida que mistura a estrutura formal das maiúsculas romanas com os terminais típicos da “fratura” (uma variação de letra gótica) germânica, resultando em um tipo de serifa, conhecida como “toscana”. A “quebra” das hastes na altura média das letras, estão presentes em algumas letras de fantasia do século XIX, tem precedentes em modelos de letra romanescas dos séculos 2 e 3 (Farias, 2000, p. 16-18)



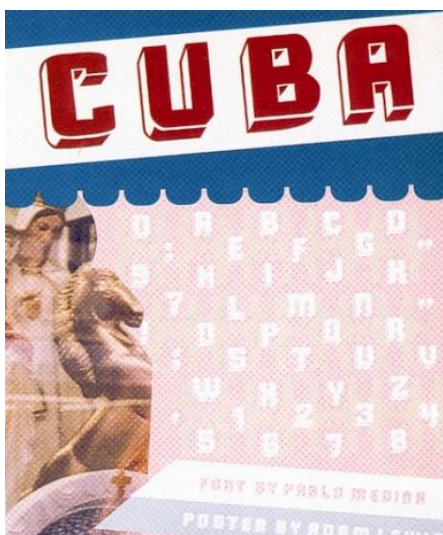


No texto de apresentação para a exposição “A Arte Tipográfica de Seu Juca & Fragmentos Vernaculares”, Priscila Farias novamente demonstra encanto e fascínio ao relatar a “descoberta” das placas de Juca, enfatizando que jamais esquecerá tais sensações causadas pela vista da fachada da sapataria na avenida Manoel Borba, coberta pelas placas de Juca.

Outra contribuição relevante para a tipografia vernacular é realizada por meio do registro do fotógrafo Edson Meirelles dos letreiros de circos, placas de bares, caminhões, cartazes e carrocinhas ambulantes. Seu trabalho é um exercício do olhar que captura nas letras que nos rodeiam, o que poucos percebem. É a comunicação gráfica vernacular revelando expressões locais através de cores e formas autênticas.

#### 4.2.6.b As apropriações do vernacular no design gráfico

Em meados dos anos 80, a designer norte-americana Katherine McCoy passou a substituir mensagens verbais neutras por artefatos tirados do vernacular comercial, como etiquetas alimentares e anúncios de lista telefônica. No lugar de composições uniformes em Helvética, McCoy ‘brincava’ com páginas repletas de diversas fontes e com símbolos estranhos. Foi quando o idioma comercial começou a ser considerado uma fonte de inspiração espontânea. O designer passa a interessar-se pela pluralidade de experiências que encontra na cultura das ruas, de forma que esse repertório se torna parte de suas construções visuais.



No cartaz desenhado para a fonte “Cuba”, Pablo Medina se inspirou no vernacular das placas comerciais desenhadas à mão livre.  
Fonte: Coupland, 1998, p. 67





Capa de CD e logotipo para o grupo musical PLAP Pedro Luís e a Parede.

Nessa perspectiva trabalhou o designer, alcançando uma forma de comunicação direta, na medida em que empregava objetos banais do dia-a-dia em suas peças comunicacionais, com o objetivo de alterar e redimensionar seus significados. Kalman entendia que o uso do vernacular poderia ajudar a libertar o designer de sua ‘aura’ (LUPTON: 1996. 108), sua abordagem possuía um tom inconformista e irônico. Mesmo apresentando-se como um outsider, seu trabalho causou um impacto cultural considerável abrindo caminho para outros designers que passaram a incorporar elementos da estética vernacular americana ao design gráfico.

Ele se inspirou, por exemplo, em placas de beira de estrada feitas à mão, para criar a tipografia de cardápios de restaurante. Como se pode perceber, Kalman reagia ao ‘estilo corporativo’ de grandes empresas de design, dizia interessar-se por imperfeições e, intencionalmente, fazia as coisas parecerem erradas ou estranhas, criando uma espécie de ‘anti-design’. Para Ellen Lupton (1996.108), Tibor Kalman esteve ligado ao design vernacular pela forma que abraçou a estética do ready-made, como dicionários, manuais de instruções ou painéis de sinalização.

Por fim, a tipografia pós-moderna questiona a neutralidade da comunicação visual e dos padrões defendidos pela escola modernista. Para designers como Neville Brody ou Jeffery Keedy, criar fontes para o uso pessoal é assegurar-se de que cada trabalho tenha sua própria identidade, seu tom, sua voz, com a possibilidade de desenvolver um comentário sócio-cultural para cada caso. O computador é utilizado, também, para reavaliar o não-artístico, o

desagradável e o ready-made. Valorizar a tipografia por suas falhas e imperfeições, como representação de um mundo imperfeito: “Fontes imperfeitas para um mundo imperfeito” (Barry Deck). Da mesma forma, Katherine McCoy e P. Scott Makela que, interessados pela teoria da desconstrução, buscaram através da quebra de regras de um projeto gráfico uma exposição da linguagem visual em vários níveis de significação, descobrindo, experimentando e acentuando as complexidades ocultas na comunicação.

O projeto da revista *Projeção Cufa* manteve princípio de fazer da comunidade a protagonista da revista, servindo como ferramenta para elevar a auto-estima das pessoas que habitam essas comunidades. A estética do Hip Hop e da tipografia vernacular serviram como norte pra criar essa ligação revista-comunidade. O Hip Hop como conceito de transformação social através de arte, é visto em toda a revista, modificando a realidade (espaços do cotidiano) com grafismos característicos do movimento, conforme pode ser visto na revista impressa.

No caso do design vernacular, foram explorados meios onde grafismo e tipos surgiram de maneira espontânea, ressaltando e reforçando a linguagem da favela. Todos os elementos visuais que compõe a revista buscam reforçar a instituição CUFA e colocar o cidadão como o ponto principal da revista.

## 5 CONCLUSÃO

A revista *Projeção* nasceu como um lampejo de idéias. No momento decisivo de escolher um tema para concluir a Universidade, perguntávamos sobre qual seria o nosso papel no ‘mundo’. Como nossa atuação poderia afetar a realidade que nos cerca. Qual seria de verdade nossa contribuição para a sociedade depois de longos quatro anos nas salas de aulas. Afinal, a formatura, a conclusão do curso, tudo deveria ter um sentido maior, além da visão de mercado.

O questionamento e a sensação de incompletude eram presentes. Até que, eureka! Era só olhar em volta. O curso de Audiovisual da Cufa com a UFRJ foi o canal para nossas respostas. Nada melhor, do que entender nossa função social como jornalista. Entender que é nosso papel contribuir para a promoção da cultura e da cidadania ampliou os horizontes. No primeiro momento era preciso formar uma equipe, e por isso o casamento entre Gláucia e Gabriela. Dividimos nossas perspectivas e conceitos, até explorar ao máximo o que queríamos: fazer uma revista comunitária.

Pretendemos cumprir com nosso papel de mediadores e acreditamos que ainda há muito a ser feito. Principalmente na articulação com a entidade. Tivemos dificuldades em estabelecer e manter contatos com a liderança. Temos em mente que a viabilidade do projeto é real. Custeado por patrocinadores, assim como a maioria dos projetos e oficinas da Central, a revista pode ser distribuída gratuitamente na comunidade, o que facilitaria o acesso maior dos pares que ainda desconhecem o trabalho.

A palavra de ordem nesse piloto é cooperação. É preciso saber respeitar a história e a individualidade do outro que se construiu ao longo do tempo. Despimo-nos de preconceitos para aprender a observar. Um projeto de fôlego, mas não apenas pelo volume de trabalho, pelo poder de relacionar-se com o outro, com o respeito ao semelhante, ao seu tempo, a sua história, seus conceitos, seus valores. Também pela dificuldade de penetrar em um universo que não é seu e convencer o outro que se quer fazer o melhor.

Gratificante pela troca, por todos os motivos que se constituem desafios são aqueles que nos fazem crescer e perceber que o mundo vai muito além de nós, nossos pais ou nossos amigos pensam. Há uma multiplicidade muito rica na totalidade. Há que arregaçar as mangas e atuar nas comunidades, mas é preciso manter-se suficientemente distante para não agredir o que ali já havia.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum – Comunidade, Mídia e Globalismo**. Rio de Janeiro, MAUAD, 2003.

IDEM. **Jornalismo Comunitário**.

IDEM. **A Comunicação como Projeto Social**.

IDEM. **Comunidade Gerativa**.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo. Contexto, 2006.

PAILLET, Marc. **Jornalismo – O Quarto Poder**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1986.

MEDINA, Cremilda. **Notícia – Um produto à Venda, Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial**. Summus Editorial, 1988.

DE FREITAS, Guaciara Barbosa. **Projeto Periferia Mdiatizada – Mdiatização da Periferia** apresentado no IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 28 a 30 de maio de 2008.

PINTO, André Luis Esteves. **O Cidadão: Um jornal comunitário na era da Globalização**. UFRJ – Eco. 2004.

GOULART, Alexandre. **Uma lupa sobre o jornalismo de revista**. Publicado no Observatório da Imprensa. 2006.

MOTTA, Luis Gonzaga. **Planificación de la comunicación em proyectos participativos**. Rio de Janeiro. Ciespal, 1968.